

**EXCLUSÃO** MAIORIA DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA É POBRE E TEM BAIXO NÍVEL DE ESCOLARIDADE, SEGUNDO A SECRETARIA DA JUSTIÇA

## 41% dos detentos nos presídios do Estado têm até 24 anos

Eles totalizam **2.824 condenados**, principalmente por roubo, homicídio e tráfico de drogas

**CLAUDIA FELIZ**  
cfeliz@redgazeta.com.br

Imagine um adolescente de 19 anos, com a impulsividade, a arrogância e o desejo de liberdade que lhe são típicos. Agora, pense em alguém com essas características, literalmente,

atrás das grades. Essa cena é mais comum do que se imagina. Nos 14 presídios do Governo, no Espírito Santo, 41% dos 6.888 internos estão na faixa etária que vai dos 19 aos 24 anos de idade.

São 2.824 jovens, em pleno período produtivo, cujas vidas sofreram uma grande alteração de rota a partir da prática de um ou mais crimes. Outros 23% dos presos têm de 25 a 30 anos de idade.

Entre os homens, a principal causa de prisão é o roubo (Artigo 157 do Código de Processo Penal). Já entre as mulheres, a causa direta de condenação é o tráfico de drogas

(Artigo 12 do CPP). Mas as próprias autoridades públicas admitem: o tráfico e o uso de drogas estão por trás da maioria dos crimes.

**Perfil.** Diretora do Programa de Ressocialização da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), Quésia da Cunha Oliveira traça o perfil típico do jovem mantido atrás das grades dos presídios capixabas: a maioria é pobre - pertence à parcela excluída da população -, vem de famílias desestruturadas, muitas com pais alcoólicos, e tem baixo nível de escolaridade. Para se ter uma idéia, nas unidades

prisionais há 235 analfabetos. Outros 2.062 têm o ensino fundamental incompleto.

Quésia Oliveira diz que, principalmente entre os jovens das camadas de menor poder aquisitivo, o consumismo reinante na sociedade impõe necessidades satisfeitas, muitas vezes, pela via da criminalidade.

"Celular, tênis e roupa de marca... Para o adolescente, tudo isso torna-se hoje uma necessidade premente. E essa necessidade criada acaba rompendo com o controle, com valores como não mentir, não roubar", diz Quésia Oliveira, que é psicóloga.

No Presídio de Segurança Média II, em Viana, a diretora Marisa Cruz Lucas diz que mesmo os adolescentes - segundo Stanley Hall, fundador da Associação Americana de Psicologia, a adolescência vai até os 21 anos de idade - sabem que precisam obedecer às regras e às normas da instituição e àquelas estabelecidas pelos próprios prisioneiros.

Para o secretário de Estado da Justiça, Fernando Zardini, os grandes desafios são a garantia de ressocialização e a redução dos índices de reincidência dos presos no crime, que no Brasil chega a 80%.

Para detentos como Kim,

condenado por assalto a uma pena superior a sete anos, da cadeia só restam lembranças ruins. "Se o preso é mal tratado, se o ambiente é negativo, então ele não se recupera para voltar à sociedade", diz.

A Sejus planeja reformar metade dos presídios neste ano. Com a Secretaria da Educação, criou um programa educacional no qual estudar é a condição para quem quer trabalhar e ser remunerado na prisão. A meta é ofertar ensinamentos fundamental e médio - hoje só se erradica o analfabetismo - e oferecer cursos profissionalizantes com 200 horas de duração, em média.

## Psicólogo defende investimento cultural

Para Hiran Pinel, oferta de **alternativas culturais e recreativas ajuda a reduzir a criminalidade entre jovens**

Doutor em Psicologia, o professor da Ufes Hiran Pinel até o final deste ano lançará, com apoio do Ministério da Educação, um livro sobre jogos, brincadeiras, brinquedos e demais atividades psicopedagógicas, cujo objetivo é

rogante. Ele acha que não vai morrer, que é lindo, sedutor. Bebe, fuma, dirige numa velocidade acima do permitido. Corre risco. Muitos, hoje, são criados sem limites. Para os que não tem recursos, sonhar - a única coisa que nos mantém vivos - é difícil ou quase impossível", diz o professor.

**Investimento.** Hiran Pinel diz que, nos bairros, faltam alternativas, projetos públicos que seduzam os jovens, que possam canalizar sua arrogância e impulsividade.

### HISTÓRIAS DE VIDA

*O pai, traficante, era o seu herói*

Eder Ricardo Souza via no pai, que morreu assassinado quando ele tinha só 12 anos de idade, um ídolo. "Ele era popular, uma pessoa muito querida. Era traficante, jogava futebol, e eu queria ser como ele", conta o rapaz, que aos 26 anos, pai de uma filha, cumpre condenação de 13 anos e sete meses por homicídio. "Usei, vendi drogas, roubei, mas nunca pensei que um dia iria matar alguém", comenta. Foi uma di-

vida de droga que fez Eder matar o rapaz do bairro onde morava. "Era eu ou ele. Lá fora, ameaçado, eu vivia em risco. Podia morrer a qualquer momento", afirma. Na cadeia, Eder, que curso técnico em Administração, aprendeu a tocar violão e tornou-se evangélico. "Livre, quero construir uma família e ter um bom emprego. No presídio a gente aprende a dar muito mais valor à vida". FOTOS: GILDO LOYOLA



*Trinta e seis longos anos de condenação*

*Quase um menino, atrás das grades*

Doutor em Psicologia, o professor da Ufes Hiran Pinel até o final deste ano lançará, com apoio do Ministério da Educação, um livro sobre jogos, brincadeiras, brinquedos e demais atividades psicopedagógicas, cujo objetivo é atingir o público jovem.

Pinel e uma equipe de 18 pessoas sob sua coordenação querem, com o projeto, resgatar o protagonismo juvenil. Isso significa que o jovem participa como ator principal em ações ligadas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla.

Com as atividades, centradas na Matemática e na Ciência, o professor diz que será possível para associações de bairros e outras instituições, conquistar os jovens, fazer com que eles se sintam autores de sua história, com consciência crítica.

“O adolescente é, em si, ar-

tém vivos – e difícil ou quase impossível”, diz o professor.

**Investimento.** Hiran Pinel diz que, nos bairros, faltam alternativas, projetos públicos que seduzam os jovens, que possam canalizar sua arrogância para atividades socialmente aceitas. “O futebol é ótimo para ensinar o respeito às regras”, exemplifica.

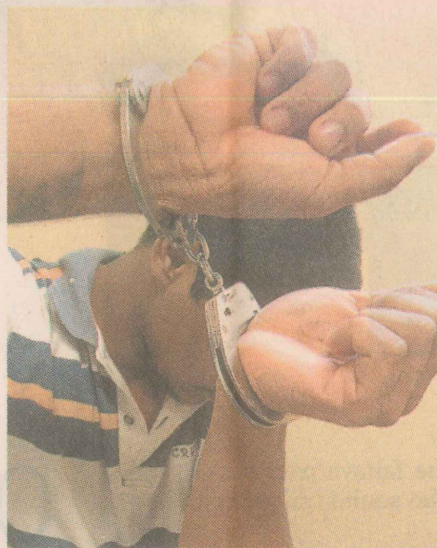
“Num mercado competitivo, numa sociedade onde o que importa é ter, é preciso estar atento e evitar que os jovens sejam seduzidos pelo crime”, diz ele, afirmando que, mesmo em bairros de classe média, é comum ver grande quantidade de adolescentes em total ociosidade.

O professor lembra que “todo é construído de modo híbrido, complexo, do ponto de vista social e histórico”. Por isso, nem todas as pessoas afetadas pelo desemprego, pela miséria, tendem ao crime.

de 13 anos e sete meses por homicídio. “Usei, vendi drogas, roubei, mas nunca pensei que um dia iria matar alguém”, comenta. Foi uma di-

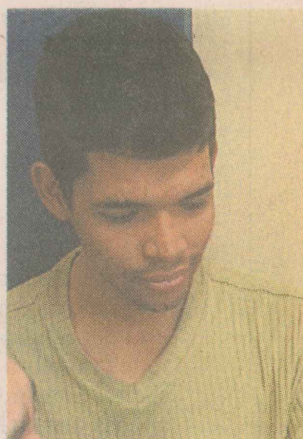
quero construir uma família e ter um bom emprego. No presídio a gente aprende a dar muito mais valor à vida”. FOTOS: GILDO LOYOLA

## Trinta e seis longos anos de condenação



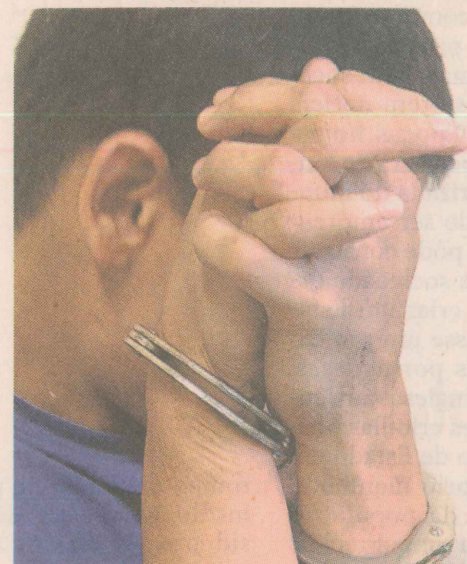
Aos 24 anos, pai de três filhos, Rafael (nome fictício) contabiliza o número de anos correspondentes às suas várias condenações: exatos 36 anos. A primeira prisão aconteceu aos 13 anos. Foi quando ele, menino de família simples, praticou seu primeiro assalto. Morava em Vila Velha e, da unidade de menores, em Maruípe, fugiu para viver com um grupo de amigos. Sucederam-se assaltos e prisões. Aos 18 anos, foi flagrado pela polícia assaltando um banco. Rafael diz que sempre quis ter muito dinheiro. “Nos assaltos, faturava R\$ 20, 30 mil, mas dinheiro do crime é amaldiçoado. Consegui comprar uma casa, e só”, afirma, certo de que está perdendo sua juventude atrás das grades. Preso há seis anos, não recomenda a ninguém que o imitem.

## Um convite mudou sua vida radicalmente



Wagner, 21 anos, trabalhava com o pai numa lanchonete num bairro da Grande Vitória e não via a hora de “tirar” sua carteira de motorista. Estava no 1º ano do ensino médio, tinha uma vida relativamente tranquila. De posse da habilitação, recebeu um convite de dois amigos que mudaria sua vida radicalmente. “Eles apareceram lá em casa de carro e me chamaram. Fui. Era o que eu mais queria: dirigir. No meio do caminho, disseram que havia um homem no porta-malas e que iriam matá-lo. Eu disse que não participaria, desci do carro e fui embora a pé. Dias depois, os dois foram presos, e eu também. Fui condenado como co-autor do crime, peguei 14 anos de condenação. Na cadeia é duro. Mas a gente aprende a dividir, vê o sofrimento do outro”, descreve o rapaz, que se tornou é evangélico.

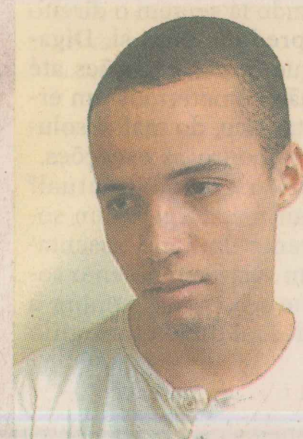
## Quase um menino, atrás das grades



Quase um menino - tem apenas 18 anos - João (nome fictício) já carrega um enorme “fardo”: a segunda condenação por roubo. A primeira foi aplicada quando ele iria completar 17 anos e, em companhia de dois amigos, rendeu o proprietário de um sítio, em Aracruz. O homem foi ferido gravemente, e João ficou numa unidade de internação para menores um ano. Pouco tempo depois, já maior de idade, foi condenado a cinco anos e três meses de prisão, pelo mesmo crime. “Nessa segunda vez, não fiz nada. Roubaram a casa de um policial e, como eu estava marcado na minha comunidade, me acusaram”, conta ele, que não vê a hora de conquistar a liberdade.

## “Carreira” curta e malsucedida

Kim Vinícius diz que sempre foi trabalhador, mas vivia em meio à marginalidade, numa comunidade de Vitória. Seus amigos e o próprio irmão, traficante, gostavam de viver perigosamente. Ele, não. Até que o irmão de Kim foi preso e, sob a alegação de que precisava ajudá-lo, o rapaz decidiu ingressar no mundo do crime. Primeiro, assumiu a “boca-de-fumo” do irmão, depois, passou a praticar assaltos. Sua vida criminosa, contudo, durou pouco: em três meses de “carreira”, Kim já estava preso, por assalto. Hoje, aos 24 anos, cumpre pena de sete anos e onze meses. Seu irmão foi assassinado e ele, pai de três filhos, tenta manter o equilíbrio num ambiente que, visivelmente, o perturba. “Presídio é escola de crime para quem aceita essa vida. Eu, não. Fiz o que fiz para ajudar meu irmão”, afirma.



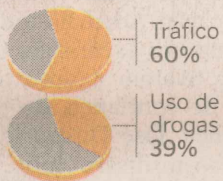
## População prisional

Em apenas quatro anos - no período 2001/2005 - a população carcerária mantida nos 14 presídios do Governo, no Espírito Santo, aumentou 80,30%, passando de 2.600 para 4.688 detentos

### TIPOS DE DELITOS



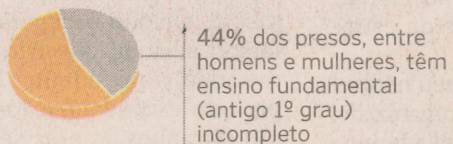
Entre as mulheres, predominam as condenações por



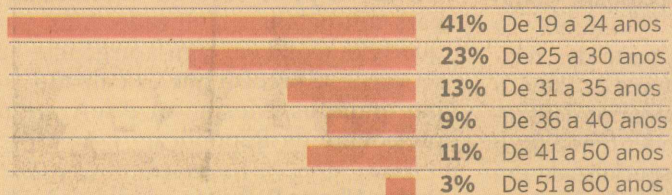
Entre os homens, o responsável direto pelo maior número de condenações é o assalto



### ESCOLARIDADE



### FAIXA ETÁRIA



**COBRANÇA** SÃO PROPOSTAS DA ENTIDADE DAR ASSISTÊNCIA JURÍDICA E FAZER CARTILHA COM INFORMAÇÕES DO CÓDIGO PENAL E DA CONSTITUIÇÃO PARA ORIENTAR DETENTOS E FAMÍLIAS

# Famíliares de presos organizam associação para melhorar cadeias

Grupo pretende garantir melhores condições aos presidiários nos presídios do Estado

**SANDRESA CARVALHO**  
scarvalho@redgazeta.com.br

Uma comissão de familiares de detentos está sendo a base para a criação de uma associação que pretende garantir melhores condições aos presidiários do sistema penal capixaba. Os membros da comissão alegam que tanto os presos quanto seus familiares sofrem maus-tratos e humilhações dentro das cadeias.

Segundo a autônoma Maura Inocêncio Alves, 48 anos, cujo filho está preso, a idéia é transformar a comissão em uma associação.

“Já estamos fazendo reuniões e vamos preparar uma ata para registrar a associação em cartório. Além de Carriacica e Viana, o pessoal da Serra e de Vila Velha também está se mobilizando”, afirmou a autônoma.

Uma das idéias da futura associação é elaborar uma cartilha, contendo informações extraídas do Código Penal e da Constituição Federal para

orientar as famílias dos presos sobre os direitos deles.

**Assistência jurídica.** Além disso, eles pretendem conseguir o apoio de advogados para que possam orientar as famílias, por meio da associação. “Algumas famílias passam necessidade por ter um parente na cadeia. Muitas vezes, esse preso já cumpriu a pena e poderia estar trabalhando e ajudando em casa, mas as pessoas não sabem o que podem fazer para ajudar”, analisou Maura.

De acordo com a autônoma, a realidade vivida pelos presos e suas famílias é desumana. “Os presos não têm direito a nada. Tudo que têm, como roupas de cama e ventiladores, é levado por nós. Não há condições de higiene ou remédios, a comida é ruim e os detentos e suas famílias não são respeitados. Estamos dispostos a correr atrás de tudo para garantir nossos direitos”, afirmou Maura.

Os membros da comissão querem saber, também, como é gasta a verba destinada aos presídios. “Queremos saber para onde vai esse dinheiro. O que fazem com os detentos não é educar, e sim martirizar. Os presos têm que ser bem tratados para terem outra consciência e não saírem pior do que entraram no presídio”, destaca.

## Famílias fazem abaixo-assinado

Cerca de 300 familiares de detentos da Penitenciária de Segurança Média I (PSME I, o antigo Mospes I), em Viana, fizeram um abaixo-assinado, onde pedem melhores condições no complexo penitenciário de Viana. A comissão enviou cópias de uma carta com reivindicações e do abaixo-assinado à Secretaria de Justiça (Sejus), ao Ministério Público, ao Tribunal de Justiça e



**ESTRUTURA.** A Casa de Custódia de Viana e cadeias da região são o principal foco de reclamação de familiares de presos. FOTO: MARCOS FERNANDEZ - 01/10/2004

## Secretário aprova criação de instituição



**Fernando Zardini acredita que com a associação amplia-se a busca por soluções para as cadeias**

O secretário de Justiça, Fernando Zardini Antonio, afirmou que vê como positiva a criação de uma associação de familiares dos detentos. Segundo ele, trata-se de mais uma instituição para discutir soluções para a questão do sistema penal capixaba.

“Acho isso saudável. Será

Sobre o questionamento em relação à aplicação das verbas destinadas ao sistema penal, Zardini afirmou que as contas da Secretaria de Justiça são auditadas pelo Tribunal de Justiça e pelo Ministério da Justiça, quando se tratam de verbas públicas federais.

“A Sejus não tem nada a esconder. Nossa maior despesa fica por conta da manutenção das unidades prisionais, com a necessidade de sucessivas reformas para consertar as depredações feitas pelos próprios internos”, afirmou o secretário. Zardini anunciou que

## Famílias fazem abaixo-assinado

Cerca de 300 familiares de detentos da Penitenciária de Segurança Média I (PSME I, o antigo Mosesp I), em Viana, fizeram um abaixo-assinado, onde pedem melhores condições no complexo penitenciário de Viana. A comissão enviou cópias de uma carta com reivindicações e do abaixo-assinado à Secretaria de Justiça (Sejus), ao Ministério Público, ao Tribunal de Justiça, a Comissão de Justiça e Paz, às pastorais Carcerária e de Direitos Humanos, à Assembléia Legislativa e ao titular da Vara de Execuções Penais, juiz Carlos Eduardo Ribeiro Lemos. O documento será encaminhado ainda ao governador Paulo Hartung, às Câmaras Municipais e aos prefeitos dos municípios da Região Metropolitana, além de alguns deputados.

## Comissão afirma que falta colchão e até água

Os problemas relacionados pela comissão de familiares já são recorrentes em algumas unidades prisionais. Eles reclamaram, principalmente, da superlotação e da falta de infraestrutura.

Os membros da comissão denunciaram que não existem roupas de cama ou colchões suficientes para todos os presos e que muitos dos internos precisam receber esses materiais dos familiares.

Eles reclamam, ainda, da falta de atendimento médico e de remédios suficientes para atender aos detentos. Familiares de presos denunciam, ainda, que a superlotação pode provocar a propagação de mais doenças entre os presos capixabas.

Sobre a questão da infraestrutura, os familiares dos detentos denunciaram que são freqüentes os cortes no fornecimento de água, principalmente nas cadeias que compõem o complexo de Viana.

**Sem água.** Com isso, os presos ficam sem água para beber, nos sanitários ou para tomar banho por grandes períodos, chegando a até dois dias sem água nas cadeias. “Faltam água e energia elétrica. Até animais são tratados melhor que os presos”, reclamou a autônoma Maura Inocência Alves, da comissão.

Na carta que acompanha o

abaixo-assinado, os familiares de presos reclamam, também, que estão sendo vítimas de maus-tratos e humilhações nos dias de visita, antes de conseguirem entrar nos presídios.



**DIÁLOGO.** Secretário de Justiça diz que, com a entidade, cria-se mais um canal de comunicação da sociedade com a Sejus. FOTO: FÁBIO VICENTINI

### Juiz: “Sociedade deve se organizar”

O titular da Vara de Execuções Penais, juiz Carlos Eduardo Ribeiro Lemos, aprovou a idéia da criação de uma associação dos familiares de detentos no Estado para cobrar melhores condições nas cadeias do Espírito Santo. “Acredito que a sociedade deve mesmo se organizar e cobrar do Estado melhores condições para os detentos, melhoria na infra-estrutura dos presídios. Além do que, quem não tem o que temer não se incomoda com cobranças”, avaliou.

O secretário de Justiça, Fernando Zardini Antonio, afirmou que vê como positiva a criação de uma associação de familiares dos detentos. Segundo ele, trata-se de mais uma instituição para discutir soluções para a questão do sistema penal capixaba.

“Acho isso saudável. Será mais um órgão a abrir um canal de comunicação com a secretaria, de forma que a gente possa discutir a aplicação das políticas públicas para o setor”, analisou.

Segundo Zardini, todas as denúncias de maus-tratos levadas ao conhecimento da Secretaria de Justiça pela Pastoral Carcerária, Conselho Estadual dos Direitos Humanos ou por familiares de presos são investigadas.

“Uma prova disso é que temos um grande número de sindicâncias e notificações que são enviadas para a Secretaria de Segurança Pública e Ministério Público para prosseguimento nas ações”, acrescentou o secretário.

verbas públicas federais.

“A Sejus não tem nada a esconder. Nossa maior despesa fica por conta da manutenção das unidades prisionais, com a necessidade de sucessivas reformas para consertar as depredações feitas pelos próprios internos”, afirmou o secretário. Zardini anunciou que o problema da superlotação deverá ser minimizado com a entrega das obras que estão em andamento no sistema penal capixaba.

“Vamos entregar três pavilhões da Casa de Custódia, o Presídio de Linhares e o Manicômio Judiciário, o que vai diminuir esse problema. A minha expectativa é que todas essas obras estejam prontas até novembro”, assegurou.

Sobre o problema da falta de água no complexo penitenciário de Viana – denunciado pela comissão de familiares de presos –, Zardini explicou que a secretaria está solucionando o problema com a construção de poços artesianos no complexo.